

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2



Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

156 p., il.

ISBN 978-65-5983-757-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.571211712>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização do Mundo 2* apresenta, em seus quinze capítulos, trabalhos muitíssimo interessantes no que tange aos processos de simbolização do mundo por meio da literatura. Sendo sua função a transcendência da experiência do leitor a partir do texto lido, os trabalhos que compõem a coletânea são assertivos na averiguação literária sob diferentes vieses metodológicos possíveis nos estudos literários.








Desse modo, há estudos que possuem como *corpus* desde escritores consagrados como Gregório de Matos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Julio Cortázar até menos conhecidos, como Sór Juana Inés de la Cruz, Antonio Muñoz Molina, Edouard Glissant, José Luandino Vieira, Enrique Buenaventura e Sindo Guimarães. Assim, há um rico leque de possibilidades de investigações literárias nesses textos, que cumprem seu papel no que tange à qualidade de verificação de seus objetivos de pesquisa nos textos literários.








Além de estudos cujo *corpus* é uma seleção perspicaz da obra dos autores mencionados, temos trabalhos sobre letramento, papel da literatura no desenvolvimento infantil, literatura digital e ensino de literatura em contexto pandêmico na rede pública de escolas, além de artigos que, utilizando alguns dos autores supracitados, tematizam o (de) colonialismo e a literatura comparada.

Portanto, o livro busca corroborar na produção científica na área dos estudos literários, tão desmerecida – dentre as demais ciências humanas – no imaginário brasileiro enquanto conhecimento científico hoje. Assim, desde leigos na literatura até graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados podem desfrutar dos trabalhos que compõem os capítulos desse livro, que não deixa de ser um grito de resistência em meio à desvalorização da ciência produzida no campo dos estudos literários.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
HISTÓRIAS DE VIDA NOS LIVROS INFANTIS: SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA POSTURA CRÍTICA-REFLEXIVA DAS CRIANÇAS AFETANDO SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO	
Walter Duarte Monteiro Neto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117121	
CAPÍTULO 2	5
A LÍNGUA MATERNA E A LINGUAGEM MATEMÁTICA: DA EUROPA AO BRASIL, DIÁLOGOS PERENES	
Paulo Roberto Trales Simone Maria Bacellar Moreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117122	
CAPÍTULO 3	14
PENSANDO AS RELAÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DO CONTO “O JORNAL E SUAS METAMORFOSES”, DE JULIO CORTÁZAR	
Luca Ramos Dias Lucas Leal Teixeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117123	
CAPÍTULO 4	28
O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS	
Glauco Soares Joaquim Andréa Portolomeos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117124	
CAPÍTULO 5	44
NOTAS SOBRE A LITERATURA DIGITAL	
Angeli Rose do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117125	
CAPÍTULO 6	68
IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM <i>MONSIEUR TOUSSAINT</i> , DE ÉDOUARD GLISSANT	
Maria Helena Valentim Duca Oyama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117126	
CAPÍTULO 7	75
ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS: A FORÇA POÉTICA DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO ROMANESCA DE CARLOS BARBOSA	
Joseilton Ribeiro do Bonfim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117127	

CAPÍTULO 8	88
MEMÓRIA ORAL TRANSPOSTA À ESCRITA LITERÁRIA: <i>SEFARAD</i> DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA	
Ana Paula de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128	
CAPÍTULO 9	100
A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Maria Cristina Chaves de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129	
CAPÍTULO 10	107
A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	
Maiara de Souza Macedo	
Andréia Almeida Santos Pires	
Gisele Vieira de Souza	
Marta Aparecida Souza Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210	
CAPÍTULO 11	121
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA	
Crislaine da Silva Borges Rocha	
Ricardo da Silva Sobreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211	
CAPÍTULO 12	128
ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA <i>HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA</i> : UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE	
Juliana Caetano da Cunha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212	
CAPÍTULO 13	135
UM ESTUDO SOBRE LITERATURA COMPARADA: O QUE UNE E O QUE DIVERGE NA LITERATURA DE GREGÓRIO DE MATOS E SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ	
Laercio Fernandes dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213	
CAPÍTULO 14	147
OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’	
Amós Coêlho da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214	
CAPÍTULO 15	156
UM ESTUDO DO NARRADOR NAS ADAPTAÇÕES DE “O GUARANI” POR ANDRÉ	

LEBLANC E IVAN JAF/LUIZ GÊ

Juliana de Lima Lapera Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171215>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 170

ÍNDICE REMISSIVO..... 171

A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

Data de aceite: 01/12/2021

Maiara de Souza Macedo

Coordenadora Pedagógica (SEC-BA). Mestre em Letras (UESB-Vitória da Conquista). Graduada em Letras Vernáculas e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB-Seabra-BA). Graduada em Pedagogia (UNIFACS-Seabra-BA). Especialista em Literatura Brasileira e Língua Portuguesa (Realiza pós) e Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica (IBRA)
<http://lattes.cnpq.br/4308439845004916>

Andréia Almeida Santos Pires

Professora (Prefeitura de Seabra). Especialista em Libras Língua Brasileira de Sinais (UNEB-Seabra-BA). Especializando em Ciências da Natureza nos Anos Finais do Ensino Fundamental (IBFA-Seabra-BA). Graduada em Letras Vernáculas e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB-Seabra-BA). Graduada em Ciências Contábeis (UNOPAR-Seabra-BA)
<http://lattes.cnpq.br/4410309854498508>

Gisele Vieira de Souza

Graduada em Graduada em Letras Vernáculas e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB-Seabra-BA)
<http://lattes.cnpq.br/3137509817352479>

Marta Aparecida Souza Oliveira

Professora da rede estadual (SEC-BA). Especialização em andamento em Práticas Assertivas na Educação. (IF-RN) e Produção Textual, Gramática e Literatura (FAC) Graduada em Graduada em Letras Vernáculas e Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB-Seabra-BA)
<http://lattes.cnpq.br/1670127801639519>

RESUMO: Este estudo procura incentivar e motivar a valorização da literatura local do município de Seabra, Bahia, através da poesia do escritor Sindo Guimarães. O poeta procura através de seus versos e de sua sensibilidade poética, utilizar a poesia como linguagem e instrumento que permite transmitir seus anseios, insatisfações, memórias, e elementos que fizeram parte da cultura e dos aspectos sociais do povo seabrense. A literatura local pode ser compreendida como uma fonte de recursos que permite ao leitor viver ou (re) viver sentimentos ou desejos, conhecendo o outro, como também a si próprio, uma vez que esta aborda temáticas que fazem parte do seu cotidiano. Assim, por entender que os dados biográficos e a visão de mundo podem ter íntima relação com as produções do autor, procura-se inicialmente fazer um levantamento sobre sua vida, almejando uma possível construção de seu perfil literário para *a posteriori* suscitar análises da poesia “Rua da Palha”. Ao discutir sobre memória, procurar-se-á demonstrar como o poeta utiliza de dados memoriais, coletivos e íntimos, para produzir uma literatura engajada num resgate de um passado histórico, muitas vezes esquecido ou ignorado por seus conterrâneos, e perceber a formação ideológica e discursiva e os implícitos textuais presentes na poesia em análise. Almeja-se que esta seja uma iniciativa que contribua significativamente para a valorização da literatura seabrense, buscando divulgá-la e propiciar a formação de novos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura local. Sindo Guimarães. Memória. Rua da Palha.

THE MEMORY OF THE CITY OF LIFE AND POETRY IN SEABRA, STREET OF STRAW, THE SINDO GUIMARÃES: INDIVIDUAL AND COLLECTIVE UMA VISÃO

ABSTRACT: This study seeks to motivate and encourage the appreciation of literature local municipality Seabra, Bahia, through the poetry of writer Guimarães Sindo. The poet seeks through his poetry and his poetic sensibility, using poetry as language and tool to convey their concerns, dissatisfactions, memories, and elements that were part of the culture and social aspects of the people seabrense. The local literature can be understood as a resource that allows the reader to live or (re) live feelings or desires, knowing each other, but also to itself, since it addresses issues that are part of everyday life. Thus, by understanding the personal information and worldview may have a close relationship with the productions of the author, seeks to initially make a survey about your life, longing for a possible building your literary profile to raise a posteriori analysis of poetry "Rua the Straw. "When discussing memory, will seek to demonstrate how the poet uses data memorials, collective and intimate, to produce a literature engaged in a rescue of a historical past, often overlooked or ignored by his countrymen, and realize the ideological formation and discursive and textual implicit in poetry gifts under review. One hopes that this is an initiative that contributes significantly to the appreciation of literature seabrense, seeking to publicize it and encourage the formation of new readers.

KEYWORDS: Literature. Sindo Guimarães. Memory. Street of Straw.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir a respeito da poética do escritor seabrense Sindo Guimarães, bem como prestigiá-lo, entendendo-o como portador de uma literatura engajada na nossa realidade local. O poeta chapadense, filho adotivo de Olhos D'água, demonstra através de suas poesias a memória de sua vida e da cidade de Seabra.

Isaio Costa Guimarães, conhecido por Sindo Guimarães, nasceu ao dia sete de março de 1958, em Vila Minas do Espírito Santo, Barra do Mendes, Bahia. Filho de Izaías Alves Guimarães e Águida Costa Guimarães, mudou-se para Olhos D'água do Antônio Francisco, povoado do município de Seabra, aos três anos de idade. Com esta idade o primo Otávio começa a chamá-lo de Sindo, mas o mesmo não se recorda o porquê da origem ou a razão do apelido. Até os três anos de idade morou com os pais biológicos, e depois foi morar com os seus padrinhos que se tornaram seus pais adotivos. De onde nasceu traz poucas lembranças, devido ao pouco tempo que lá viveu. As maiores recordações são de Olhos D'água e de Seabra.

Descobriu-se poeta muito cedo, cantava músicas com letras criadas por ele. Ocasionalmente, seu padrinho lia poesias de alguns livros, os quais o poeta decorava habilmente. Dentre tantos, destacam-se os poemas de Olegário Mariano. Seus primeiros versos foram escritos aos 11 anos de idade. Para Sindo é através da poesia que o poeta pode resgatar a memória de um povo, reafirmar sua cultura através da literatura.

Assim, prestigiar a herança cultural que o município tem em termos de literatura,

estimula o senso crítico a partir da ligação entre o texto e o contexto da realidade que nos rodeia e abre o caminho para que vivenciemos a própria realidade, chegando a conclusões sobre o texto literário e sobre a literatura, uma vez que muitos destes textos tratam de sentimentos, sensações, ideias, problemas ou lugares dos quais tivemos alguma experiência direta.

Dessa forma, acredita-se que a literatura local não pode ser ignorada, uma vez que não deve haver uma supremacia em relação às outras obras literárias, justamente porque o que a caracteriza é a expressão de um povo, de uma localidade, de uma região. Portanto, uma não tem maior e nem menor valor que a outra, tem valores próprios e específicos de cada contexto.

A literatura precisa ser compreendida pela sociedade como um fenômeno artístico-cultural, ancorado nas motivações histórico-sociais. Assim, a motivação para a seleção desse tema surgiu em virtude do pouco conhecimento da literatura guimaraense por parte dos chapadenses, e especialmente pela escola como instituição de formação cultural e literária. Com isso torna-se necessário prestigiar o poeta em estudo, que embora tenha nascido na cidade Barra do Mendes, passou parte de sua vida no município de Seabra, considerando-se um seabrense nato.

Nota-se que muitos alunos e professores da educação básica, ou até mesmo do meio acadêmico, pouco conhecem sobre a literatura produzida na cidade, uma vez que também não há grandes esforços na divulgação da literatura local. Desse modo, as produções literárias de Sindo Guimarães e tantos outros conterrâneos precisam ser divulgadas para a população em geral, especialmente para a comunidade escolar.

O autor contemporâneo escreveu três livros de poesias: *Relatos dos Ventos (2000)*, *Relatos Inquietos (1993)* e *Tempo de Colheita (1985)*. Entretanto será utilizada para análise a poesia Rua da Palha, retirada do livro *Relatos dos Ventos (2000)*. Desta forma, far-se-á uma análise da memória individual e coletiva presente na poesia em destaque. Para tal, utilizar-se-á de alguns recursos interpretativos da análise de discurso, pela ótica da Ideologia e Sujeito, discutida por Orlandi (2005) para perceber a formação ideológica e discursiva, assim como os implícitos textuais.

Foram realizadas entrevistas com o próprio autor para apropriar de alguns dados sobre sua vida, como: início da carreira de poeta, as dificuldades encontradas, suas influências literárias, a temática da memória. Como aportes teóricos destacam-se as teorias de Ecléa Bosi (1994), René Costa Silva (2008), Ferreira (2003), Bergson (2010), Orlandi (2005), entre outras teorias visitadas ao longo do processo de escrita.

É neste contexto de viver e reviver história que se pretende trazer contribuições significativas para a valorização da literatura do município de Seabra, no sentido de divulgar a produção local e propiciar a formação de leitores ainda mais críticos, capazes de entender e desfrutar a função da literatura enquanto arte produzida pela sociedade.

CORPUS DISCURSIVO

As questões teóricas que decorrem da distinção e da relação entre história e memória se evidenciam particularmente quando essa documentação histórica é de natureza memorialística. Os livros de memórias, os diários pessoais, as cartas, e os demais gêneros confessionais nos dão a ilusão de que entramos na mais recôndita intimidade do autor. Ao ler os poemas escritos por Sindo Guimarães nos parecem tão pessoais, tão marcados por um viés confessional, tão revelador do sujeito que escreve que é fácil ter a sensação de estarmos, finalmente, realizando o sonho secreto de todo historiador, aquele de ingressar no território do segredo mais íntimo dos sujeitos sociais que ele está analisando. Não é fácil, diante da sedução de uma carta, ou de um diário íntimo, ou ainda de um livro de memórias, perceber que estamos lendo um texto que é uma construção que o autor faz de sua “persona”. Uma versão de si mesmo e do vivido, e não a transparência do seu “eu” ou do acontecido.

Por sua vez, a palavra Memória origina-se do Grego “mnemosis” ou do latim, “memoria”. Em ambos os casos a palavra denota significado de conservação de uma lembrança. Trata-se de um termo presente e utilizado por várias ciências sendo absorvida pelas novas correntes historiográficas. Para os gregos a memória estava recoberta de um halo de divindade, pois se referia à “deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as artes e a história” (CHAUI, 2005:138).

Para tanto, é função da memória – como por certo também o é da história – estabelecer os nexos entre o passado, o presente e o futuro. E, se a memória procura salvar o passado, essa ação está longe de ser – como muitos parecem supor – um mero resgate, mas sim um processo direcionado a atuar no presente e a orientar os caminhos do futuro.

A memória assim entendida passa a ser vista como um campo de tensão de forças distintas e opostas. Esse entendimento permite pensar, teoricamente, que nesse território e continente vastíssimo da memória, em um dos gêneros a ele referidos que é a memorialística, cruzam-se, por exemplo, a mais individual das lembranças, a mais íntima das experiências e o quadro de referências, valores, linguagens e práticas culturais que são coletivos.

Assim, é justamente sob o aspecto da memória individual e coletiva que será analisado neste artigo, o poema “Rua da Palha” de Sindo Guimarães na obra *Tempo de Colheita* (1985).

Nesta perspectiva é interessante ressaltar que a produção literária deve ser encarada com outros olhares, não mais valorizando apenas o “esteticamente concebido” e os “critérios de literariedade”. Deve-se considerar uma capacidade antes não aludida que é a de suscitar questões de ordem teórica ou de problematizar temas de interesse atual, sem se restringir a um público específico. Afinal, como bem colocou Eagleton “qualquer

coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente, pode deixar de sê-lo”. (EAGLETON, 2003:16).

Partindo do princípio de que o ato de ler não significa apenas decodificar as palavras num gesto mecânico de decifração de sinais, entende-se a obra literária como uma espécie de documento que conserva o conteúdo da consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao ler um texto, o leitor estabelece elos, com as manifestações socioculturais que lhes são distantes, no espaço e no tempo: a história assinala eficazmente a literatura e o contexto da literatura.

A questão do conceito para a literatura torna-se necessária para demonstrar o funcionamento da estrutura narrativa. Deste modo, é possível conceituar a partir do momento que ocorre um processo de ressignificação e que o torna altamente valorizado, pois, o conceito é provisório, onde o mesmo é construído e reconstruído ao mesmo tempo.

A hierarquia existente entre uma e outra que passam a se relacionar em função da complementariedade. Caberia à crítica, como autoconsciência da obra, revelar a sua intenção, contribuindo para o seu aperfeiçoamento, levando-a a consciência de si. Evidentemente, a plena concretização desse objetivo, é inalcançável, uma vez que a abertura ao movimento da história confere também ao texto crítico em caráter de inesgotabilidade do sentido.

A leitura torna-se uma reivindicação no sentido de desmitificar o caráter totalizante da crítica que se apoia em critérios definidores do conceito de literariedade, sejam eles determinados por uma estrutura formal de composição da obra, ou pela relação reflexiva entre contextos e textos literários. Nesse sentido, há a necessidade de se produzir um texto crítico em que o sujeito não se omita ou se camufle sob a pretensa noção de cientificidade, mas se exponha numa posição em que a política e estética se fundem.

O que se pretende é a vinculação do contexto à produção e recepção do texto literário, sem que este seja visto como um reflexo daquele, mas como um objeto que mantém uma relativa autonomia, pois se liga necessariamente, ao solo em que foi produzido, mas que também depende de interpretações que lhe conferem significados diversos, determinados por cada olhar que lhe é lançado, em momentos específicos.

A crítica literária adquire, então, a função de suplementar a obra literária, devendo, para isso, resgatar o prazer da leitura, tanto do texto literário propriamente dito, quanto do seu comentário. A consciência da impossibilidade de se alcançar a totalidade ou o universal faz com que a crítica se libere para buscar no fragmentário e no particular um sentido que possa conduzir ao conhecimento da obra através de uma relação pessoal com o texto que, em relação com os outros textos, vão constituindo a vivência literária contemporânea.

Ao refletir sobre o assunto, ressalta-se também que o conceito de literatura se ampliou em fins do século XX, na qual surge nessa época, em várias partes do mundo um interesse em conhecer as vozes silenciadas.

Com um olhar crítico, o conceito de literatura nos dá motivo de pensar que as obras

literárias foram submetidas a um processo de seleção, onde foram publicados, resenhados e reimpressos, para o público leitor que os considera “de valor”.

Nesse sentido, os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e com o que não se considera. O tipo “belo” deverá ser necessariamente o estilo a ele imposto por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios também específicos. A literatura por sua vez estimula a resistência aos valores da cultura, assim, como traz a tona às informações desta sociedade.

Assim, percebe-se que a literatura marginalizada busca mostrar a verdadeira realidade que vivem as pessoas que não tem voz na sociedade. Desta forma, esses escritores mostram tão quanto capaz de competir com os cânones literários. CULLER (1999:46) explicita que “a literatura é a possibilidade de exceder ficcionalmente o que foi pensado e escrito anteriormente”. Nesta perspectiva, qualquer coisa que pareça fazer sentido, a literatura podia fazê-la sem sentido, ir além dela, transformá-la de uma maneira que levantasse a questão de sua legitimidade e adequação.

A linguagem literária, por exemplo, de uma obra de ficção, não há qualidades que a definam como literária. De fato, a literatura constitui de estilos que são considerados “bons” precisamente porque nos prende a uma atenção indevida. Como definir se um texto é ou não literário? O simples fato de conceituar o que seja um texto literário ou não literário está na forma pela qual alguém resolve ler e não na natureza daquilo que é lido. O que vai definir é a forma como a sua linguagem é empregada.

Em meio a isso, o escritor em estudo articula a literatura pelo viés real, primeiramente, e após, entrecruza realidade e ficção, trabalhando em seus poemas com a memória tradicional e uma memória inventada. Andar pelos caminhos da lembrança pode ser visto como forma de se conhecer melhor, é reconstruir o passado sob uma nova ótica. Assim, os atos de lembrar e de esquecer estão articulados involuntariamente para que as informações guardadas pela lembrança se transformem em memória.

Sendo compromete-se com a memória do seu lugar, fazendo dela um instrumento para melhor conhecer o mundo agora. Esse comprometimento é vital porque promove o agir de acordo com uma nova leitura do mundo em que é possível reatualizar códigos a partir da experiência.

Desta forma, os textos poéticos de Sindo nos remetem a um passado que permite construir significações tanto pelo acervo cultural e conhecimento de mundo obtido, quanto pelas significações que são permitidas ao realizarmos as leituras de textos. Para Marilena Chauí (2005:138) a “memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”.

De acordo com Silva (2008), os “lugares de memória” são locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo.

Ainda acompanhando o relato das memórias poéticas do autor, pode-se compreender o poema “Rua da Palha”, que se refere a uma rua dentro de uma área geográfica no município de Seabra, a qual carrega uma forte impressão dentro da memória da cidade. Neste sentido, o poema representa bem este aspecto:

Era tempo de inverno,
na rua fria e esquecida
muitas mulheres pintadas
bebiam cachaças
dançavam com requebros
para atrair clientes.
Nazildas, Marias e Carlas
abriam suas portas
abraçavam com os braços
magros de tanto abraçar.
A fome também espiava
a miséria que existia
os suspiros que se ouviam
eram um coro de lamentos
de muitos sofrimentos
que na vida encontravam.
Viviam no desamor,
não conheciam o toque
de mãos calmas e quentes
não conheciam o prazer
e são mulheres, são gente.
E como podiam eles
entender que ao seu lado,
além de pernas quentes
pulsava um coração?
Corriam com suas taras
buscando prazeres incontinentos.
Não sabendo pobres homens
que no amor tudo é belo
eles somente buscavam
satisfação pessoal.
As mulheres mais tristes
de abrirem portas e pernas
quando dava meia-noite
cansadas melancólicas e ébrias
sonhavam com os amores;
amores que a vida nega.
Correu o tempo, a velhice
com apenas trinta anos,
os seios flácidos caídos,
as pernas já acabadas
esquecidas não procuradas.
Mas a vida continua
precisam comer um bocado
ausente na mesa desfeita.
Umas partiram para longe
outra a cachaça matou

aqueles que não partiram,
quebram pedra fazendo brita
seu tempo – para eles – passou.
São pancadas monótonas
dentro da noite vazia,
mas tem mais gratidão
nas pedras pequenas a pular
pedras que juntas farão
fábricas, escolas, hospitais,
pedras que subirão
no concreto estruturado
e tornarão como sonho
alento de cada dia.
Dormindo, as mulheres não sabem
que são acariciadas
por raios sensuais
que a lua despeja nelas.

(GUIMARÃES, 1985:11)

A Rua da Palha por se tratar da primeira rua povoada da cidade de Seabra faz parte da construção poética do autor que se apropria memorialisticamente dos fatos históricos do lugar. Neste contexto, torna-se imprescindível destacar a história de Campestre, atual Seabra, para conhecer o contexto em que a rua mencionada está inserida. Seabra surgiu a partir dos primeiros núcleos de povoamento da Chapada Diamantina no início do século XVIII, com o crescimento das minas de ouro de Jacobina e Rio de Contas. A Coroa Portuguesa determinou uma abertura de uma estrada que ligasse as duas regiões de exploração aurífera. Esta estrada, chamada de “Estrada Real”, contava hoje as terras pertencentes ao município de Seabra, até então desertas.

Muitos portugueses foram atraídos pelo garimpo do ouro, mas desiludidos com as exigências do Império vinculadas ao precioso metal, se fixaram nesta região, dedicando-se à agricultura e pecuária. É tradição oral que a cidade de Seabra antes denominada povoado de São Sebastião do Cochó do Pega, originou-se de um aglomerado de casas de palhas que serviam de pouso aos viajantes, no início chamado de Passagem de Jacobina. Daí o nome da rua, Rua da Palha, que, com o decorrer dos anos, perde a sua importância econômica, tornando-se uma rua de “má fama”, habitada pelas “mulheres da vida ‘difícil’”. E essa “fama” se perdurou por muito tempo, pois as mulheres que não faziam parte da “vida difícil”, tornaram-se rotuladas por habitarem a Rua da Palha. E isso se explica pela ótica da análise de discurso, que segundo Orlandi (2005, p.23), no capítulo Ideologia e Sujeito explicita que :

Surge de uma coisa mais forte – que vem pela história que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder.

Desta forma, o discurso tem existência na exterioridade do discurso, o social é marcado sócio-histórico-ideologicamente. No linguístico e social, há posições diversas pela coexistência de diferentes discursos que perpassam pela história por meio da memória e isso implica em uma linguagem ideológica.

Sendo assim, na poesia em destaque, Sindo entrecruza o tempo narrando com a realidade deste lugar, o da “Rua da Palha”. Ao identificar a malha da ficção, entrecruzar-se-á a memória individual e coletiva nas quais se encontram denúncia, indignação e também cantos de fé e de esperança. Nessa ótica de leitura, esse universo tão difícil de interpretar, é o universo das dores, da fantasia, dos sofrimentos, dos afetos e dos medos enfrentados pelas mulheres que habitam aquele lugar.

Os lugares da memória coletiva, segundo Silva (2008, p.111):

... Funcionam como ‘detonadores’ de uma sequência de imagens, idéias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo de ‘revivenciamento’, ou de reconhecimento, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de ‘pertença’ e de ‘identidade’, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas vivências.

O poeta envereda nos versos da memória individual, seja repertório para a memória coletiva favorecendo também uma possível compreensão pela via da imaginação, das realidades que fizeram parte da vida da comunidade.

Assim, a poesia deixa de lado as particularidades do “eu poético” e se rende ao esforço de interpretar o universo coletivo dos homens, tornando-se recurso para o registro da história através da sua manifestação emocional diante do mundo. Vejamos: “Era tempo de inverno, / na rua fria e esquecida/ muitas mulheres pintadas/ bebiam cachaças / dançavam com requebros/ para atrair clientes. / Nazildas, Marias e Carlas/ abriam suas portas/ abraçavam com os braços/ magros de tanto abraçar.”

O escritor expressa ainda no poema uma realidade vivida por pessoas que habitavam a rua citada acima. As mulheres representadas como objetos que serviam apenas para uma satisfação momentânea: “A fome também espiava/ a miséria que existia/ os suspiros que se ouviam/ eram um coro de lamentos/ de muitos sofrimentos/ que na vida encontravam. / Viviam no desamor, / não conheciam o toque/ de mãos calmas e quentes/ não conheciam o prazer/ e são mulheres, são gente.” Devido a essa situação há um discurso ideológico de um retrato social que nos faz refletir acerca desse passado ainda tão presente. Apropriando-se do acervo histórico da Rua da Palha, SG se inspira em fazer poesia, relacionando a memória com o que acontece hoje. As pessoas que habitam aquela rua ainda sofrem muito preconceito, devido aos fatores históricos perpetuados na memória da população. O poeta visita o passado que se quer esquecer, a fim de nos fazer refletir sobre os efeitos dele na vida daqueles que o desconhecem.

Essa visão enquadra-se na memória discursiva apresentada por Mussalim (2004,

p.45) quando afirma:

Não se refere a lembranças que temos do passado, a recordações que um indivíduo tem do que já passou... Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. É uma memória coletiva, até mesmo porque a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais.

Estes aspectos memorialísticos estão atrelados ao esquecimento daquele que se desliza sob os mais diversos pretextos, mostrando situações que mascaram ou simplesmente se omitem fatos ou passagens, mas, que aparecem por meio da memória quando estes são instigados a relacionar com fatos já ocorridos.

Ainda sobre os versos do poema “Rua da Palha”, tem-se o poeta que reconstrói suas lembranças para a sobrevivência do passado, conservado no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens-lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios como pensava Bergson (1994,p.53). O poema emerge o convívio e a condição das pessoas que fizeram da Rua da Palha suas moradias.

O discurso poético encontra meios de trazer à tona a realidade muitas vezes camuflada pela sociedade. SG reflete como foco o corpo, a sexualidade, os modos de ser, de conviver e de sobreviver de um povo marginalizado, e canta também os sonhos de mudanças, ao denunciar a condição das prostitutas, percebendo-se isso, nos versos a seguir: “As mulheres mais tristes/ de abrirem portas e pernas/ quando dava meia-noite/ cansadas melancólicas e ébrias/ sonhavam com os amores; / amores que a vida nega. / Correu o tempo, a velhice/ com apenas trinta anos, / os seios flácidos caídos, / as pernas já acabadas/ esquecidas não procuradas.” No entanto, esse eu-lírico presente na poesia de Sindo é o sujeito que é representando pelas ideologias sociais em que, como afirma Mussalim (2004, p.108) “a identidade do sujeito lhe é garantida no lugar do outro, ou seja, por um sistema parental simbólico que determina a posição do sujeito desde a sua parição.” Assim, seria difícil que essas mulheres fossem dignas de um amor verdadeiro, pois o sujeito que a representa é de uma mulher da prostituição, e esta, muitas vezes, não são respeitadas pela sociedade preconceituosa.

O poeta chega ao limiar da expressão ao abordar a luta pela sobrevivência das mulheres de “vida difícil”, quando retrata que apesar das dificuldades “a vida continua/ precisam comer um bocado/ ausente na mesa desfeita. /”. Esforça-se, para recriar impressões do passado que foram vividas ou observadas. E nesta ação traz sensações de uma reminiscência que o acompanha.

Destarte, esse sonho de mudança elucidado pelo poeta é posto quando mostra as transformações que ocorreram no município de Seabra, que começam a tornar o difícil sonho em realidade.

Ao caminhar para o diálogo memorialístico o escritor reporta mais uma vez para os encontros e desencontros dos indivíduos representados no poema: Ao realizar tal

procedimento, concordamos com BOSI (1996,p.13), que postula:

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo; é inserir as suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesmo multi- dimensional; uma trama em que o eu-lírico vive ora experiência novas... ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema.

Neste contexto, é importante destacar que a memória não olha apenas para o passado. Na verdade ela não desloca o sujeito – individual ou coletivo – que faz memória para o passado. Quando fazemos memória, ou melhor, quando construímos memória, o fazemos a partir do presente. Desta forma, é difícil viver o presente sem projetar o futuro. Sendo retrata bem isto no fragmento: “... Mas a vida continua,/precisam comer um bocado ausente na mesa desfeita./Umam partiram para longe/outra a cachaça matou/aquelas que não partiram,/quebram pedra fazendo brita/seu tempo – para eles – passou./...Nas pedras pequenas a pular/pedras que juntas farão/fábricas, escolas, hospitais,/pedras que subirão/ no concreto estruturado/e tornarão como sonho/alento de cada dia.

A busca da relação poética com a vida real nos remete a viver ou recordar acontecimentos que fizeram parte das experiências já vividas. O poema por sua vez, segundo Paz (1982) tem esse poder de nos submeter a construir imagens que têm comum a preservação da multiplicidade de acepção da palavra sem anular a unidade sintática da frase ou do conjunto de frases. Cada imagem domina muitos significados contrários ou díspares, aos quais abrange ou reconcilia sem suprimi-los.

O ato de lembrar e de esquecer está articulado involuntariamente para que as informações guardadas pela lembrança se convertam em memória. Lembrar torna-se divergente da imaginação. Isso porque para recordar é preciso o desejo, é preciso estar certo do desejado. Essa descrição da realidade descrita na poesia se concretizou a partir do desejo das lembranças passadas. O poeta torna-se o escritor da história para que essa não desapareça de suas lembranças.

Deste modo, para o poeta, a memória provoca rupturas temporais e une momentos diversos. Entretanto, a lembrança atua como fator que reconhece no presente aquilo que já foi conservado, aquilo que por sua vez ficou do passado. Isso, conseqüentemente, orienta a ação no presente a partir das experiências já vivenciadas.

Bergson (2010) argumenta que as lembranças que representam nosso passado merecem o nome de memória, já que não é porque conserve imagens antigas, mas, porque prolonga seu efeito útil até o momento presente: A fome também espiava/a miséria que existia/os suspiros que se ouviam/eram um coro de lamentos/de muitos sofrimentos/que na vida encontravam.

Falar de memória é, antes de tudo, falar de uma faculdade humana. A faculdade de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles. Bem, a faculdade da memória é responsável por nossas

lembranças. Certo, mas falar de lembranças é falar necessariamente de quem lembra. (SILVA, 2008, p.85)

Para Silva (2008) à memória pode-se atribuir a capacidade de conservar estados de consciência passada, sendo assim responsável por nossa lembrança. Sendo constrói sua poética, com a “bagagem” de um historiador, buscando deixar nos poemas uma memória coletiva que muitas vezes não são guardadas pelas pessoas que nela passaram e que precisam estar no papel para não serem esquecidas. O autor ainda menciona em diversas poesias, reminiscências de um passado individual que merece ser escrito, principalmente para que não se perca, construindo uma ponte de vivências com os leitores. Assim, Ecléa Bosi (2003) fala que a memória parte de acontecimentos do presente, sempre ávido pelo passado.

A poesia em análise faz uma revisão crítica de fatos passados sem deixar de recuperar também aquilo que poderia ser considerado menor pela história. O poeta se preocupa em delinear detalhes importantes para serem lembrados, e almeja que estes se afirmem por quanto tempo existir a poesia.

A poesia de Sindo se debruça sobre o passado sem a preocupação de constatação real, sendo composta pela lembrança do que foi vivido como também pelo que foi ouvido e relatado pelos antepassados. Daí que ela não pretende ser um documento histórico ou reconstrução detalhada de uma realidade. O que o poeta pretende, é acima de tudo, compor com o seu lirismo uma memória afetiva de sua cidade e de seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta proposta de estudo, buscou-se estabelecer análises da poesia “Rua da Palha” de Sindo Guimarães dando enfoque ao viés memorialístico. A temática surge a todo instante em sua obra e possibilita infinitas leituras, o que comprova a necessidade de se aprofundar e divulgar o trabalho deste poeta. Assim, a escolha deste brilhante autor seabrense, o qual valoriza a literatura local, em seu resgate de aspectos sociais, culturais, políticos e geográficos.

Deste modo, buscou-se resgatar um autor que fizesse parte do acervo sócio-cultural da região. Nesta perspectiva, a escolha da poesia de Sindo Guimarães, traçando-se um perfil do poeta em estudo e analisando-se sua poesia enfatizando a memória. O poeta é um observador de seu tempo, e seu texto é testemunho desta observação, além de ser também um retrato de sua região, dos costumes, crenças, paisagens, enfim, do seu contexto social. Assim, é perceptível no poeta Sindo Guimarães um regionalismo constante, revivido através de suas memórias. Segundo Coutinho (2002, p.237):

O regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões não dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a

homogeneidade da paisagem literária do país.

Para o autor, o conceito de regionalismo abrange aspectos sociais, linguísticos, culturais que variam de uma região para outra. Essa variedade não dá lugar a literaturas isoladas, mas contribuem para a formação da literatura nacional como um todo.

Quando se fala em regionalismo, há que se pensar que cada região corresponde a um tipo de expressão, seja artística, cultural, religiosa, e é esse conjunto de retalhos que se configura por meio do texto literário, armando o todo nacional. A memória serve ao presente e ao futuro como espelho do passado. Seguindo essa perspectiva, os poemas de SG fazem parte da memória cultural. Ou seja, além de pintar o passado, ele utiliza de elementos contemporâneos para alcançar sucesso em sua empreitada.

Pode-se entender com esse trabalho que o estudo de textos que tragam memórias aliadas à ficção, contribui para um melhor entendimento de questões de outrora, desempenhando papel importante no cenário da literatura contemporânea.

Enfrentar a leitura de um texto memorialístico na perspectiva que informa os lugares de memória implica em considerá-lo locus de materialização de memórias construídas, o que traz a possibilidade de realizar, através de sua leitura uma acuidade arqueológica dessa construção. Implica igualmente em torná-lo como mediação que situa a rememoração individual nos quadros das memórias coletivas que lhes confere sentido, que supõe atentar para a dimensão simbólica sempre presente no ato de escrever memórias, sublinhando a necessidade de explicitar o sentido daquilo que foi escavado, analisado, desentranhado e reconstruído nas profundezas do texto através da ação interpretativa.

Assim, o aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação do indivíduo na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de “fazer história” por meio dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes baús pessoais, familiares, coletivos e institucionais. Como afirma Ferreira (2003) à história intelectual da humanidade e até mesmo da criação é uma luta pela memória.

Ressalta-se ainda, a importância em trabalhar e estimular a literatura seabrense em sala de aula, pois o conhecimento da produção literária regional é necessário para que se formem leitores e divulgadores da literatura local.

Instigar a leitura de poesias, crônicas, contos, ou qualquer produção literária, escritos por autores do município sugere ao leitor a compreensão de uma realidade bem mais próxima de si, uma vez que essa literatura é o registro da sua própria cultura e da sociedade onde ele vive. O escrito de SG permite aos educandos conhecimentos sobre a história da cidade de Seabra-BA, por meio das poesias.

Na lírica de Sindo Guimarães pode-se identificar os traços linguísticos, culturais, sociais, geográficos e também as maneiras peculiares de uma sociedade estabelecida numa região que a faz distinta de qualquer outra. Ao mesmo tempo, essa poesia estabelece

através do discurso intertextual um diálogo com a cultura universal, fortalecendo-a e inovando-a com suas peculiaridades. Com isso, conhecer e trazer os textos de Sindo Guimarães, aproximando-o dos leitores torna-se fundamental papel da escola e dos educadores na atualização constante dos princípios de relativismo cultural para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Leitura de Poesia**. São Paulo. Ática, 1996.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia** / Alfredo Bosi. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos** / Ecléa Bosi.- 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Andréa Milena Pessoa. MONTEIRO, Fernando da Silva. **Monografia de graduação**. Seabra: Universidade do Estado da Bahia, 2007.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ática. 2005.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Global, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil** / Afrânio Coutinho. – 19ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**/Jerusa Pires Ferreira. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

GUIMARÃES, Sindo. Sindo Guimarães: entrevista [outubro. 2012]. Entrevistadora: Maiara de Souza Macêdo . Seabra: [s.n.], 2012. Em: 06/10/2012.

_____. **Relato dos Ventos**. Salvador: Idea Design; Press Color, 2000.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária: poesia*/Massaud Moisés – 16ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2003.

ORLANDI, Eni Puceinelli. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, São Paulo: Ponte 6ª edição, 2005.

SILVA, René Marc da Costa [Org]. **Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro** / TV Escola / SWWS / MEC. Brasília, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 121, 123

Antiguidade clássica 147

Antonio Muñoz Molina 88, 98, 99

B

Bertold Brecht 128

C

Clarice Lispector 127

Conto 14, 15, 16, 17, 20, 21, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 97, 103, 104

Coronavírus 28, 30, 42, 43

E

Édouard Glissant 68

Enrique Buenaventura 128, 129, 133, 134

Ensino 7, 8, 9, 10, 11, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 52, 66, 107, 170

Ensino de literatura 28, 29, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 42, 66

Ensino remoto 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 41

Escola pública 28, 29, 41

G

Grécia 9, 147

Gregório de Matos 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Guimarães Rosa 54, 151

H

História 1, 2, 3, 15, 23, 24, 25, 31, 40, 42, 55, 62, 68, 69, 72, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 119, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 142, 147, 148, 151, 156, 163, 169

I

Identidade 1, 45, 61, 66, 69, 85, 87, 101, 102, 105, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 139

Imaginário 34, 37, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 86, 139, 147, 151

Interdisciplinaridade 5

J

Jornal 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 61, 76

José Luandino Vieira 100, 101, 102

Julio Cortázar 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27

L

Leitor 4, 5, 6, 11, 16, 19, 20, 24, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 107, 111, 112, 119, 160, 168

Leitura 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 53, 55, 57, 60, 64, 75, 76, 89, 90, 97, 111, 112, 115, 119, 120, 128, 134, 141, 146, 160, 169

Letramento 1, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 34, 36, 42, 47, 50, 66

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 16, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 53, 65, 75, 93, 95, 101, 104, 105, 107, 112, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 137, 141, 143, 145, 147, 169

Literatura 1, 2, 3, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 98, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 125, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 169, 170

Literatura comparada 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Literatura digital 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 62, 64, 65, 66

Literatura eletrônica 45, 49, 62

Literatura infantil 1, 3

Literatura local 107, 109, 118, 119

Literaturas Africanas 100, 101

M

Meio ambiente 14, 16, 21, 22, 24, 25, 65

Memória 53, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 147

Memória oral 88, 89, 90, 94

Metamorfoses 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 25, 149

O

Oralidade 89, 91, 99, 100, 101, 105

P

Pandemia 28, 29, 30, 33, 38, 39, 42, 43

R

Resistência 100, 105, 112

S

Sindo Guimarães 107, 108, 109, 110, 118, 119, 120

T

Teatro político 128

Testemunho oral 88, 93

W

Walter Benjamin 55, 105, 128, 129, 134

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021